



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



HISTORIA DO GALO-GALÃO



POR GRACIEITE BRANCO
DESENHOS DE VASCO



ERA uma vez um galo, que era mesmo um regalo, mas que, em vez de viver nas capoeiras, como todos os outros galos, vivia no cimo duma igreja, era de ferro e estava espetado no tópo dum catavento.

Todas as manhãs, mal o Sol acordava, o galo cantava: — Có-có-ró-có!... E, todas as tardes, mal o Sol adormecia, o galo dizia: — Có-có-ró-có!...

Mas, por mais que cantasse có-có-ró-có, de manhã e á noite, a igreja era tão, tão a-a-a-ita, que o povo não o ouvia!

Mas eis que, duma vez, passando alguém na rua, ao pôr do Sol, o galo cantou: — Có-có-ró-có!...

Esse alguém que passava (que, por acaso, era o sr. prior da freguesia), ouvindo o có-có-ró-có partindo do cimo da torre, ergueu vivamente a cabeça, murmurando:

— Olá! Galo de ferro a cantar, nunca vi cá!...

Mas logo encolheu os ombros e baixou a cabeça, afirmando que seria engano seu.

Qual não foi, porém, o seu espanto; ao ouvir o mesmo có-có-ró-có, partindo do cimo da torre, na manhã seguinte, á hora em que entrava na igreja, para dizer a primeira missinha do dia!

Parou, espantado, o pobre sr. padre prior da

freguesia, dizendo, em voz alta, enquanto coçava e recoçava a corôa redondinha, como uma lua cheia de Agosto:

— Mau! Aqui há coisa! Ou o galo não é de ferro, ou o ferro é milagroso!

Mas, perto da igreja, havia um quintal com uma capoeira, onde havitavam galos que, notando, desde a véspera, o espanto do sr. padre prior, combinaram, entre si, elucidá-lo, isto é: explicar-lhe o milagre!

E, enquanto o sr. prior olhava, espantado,

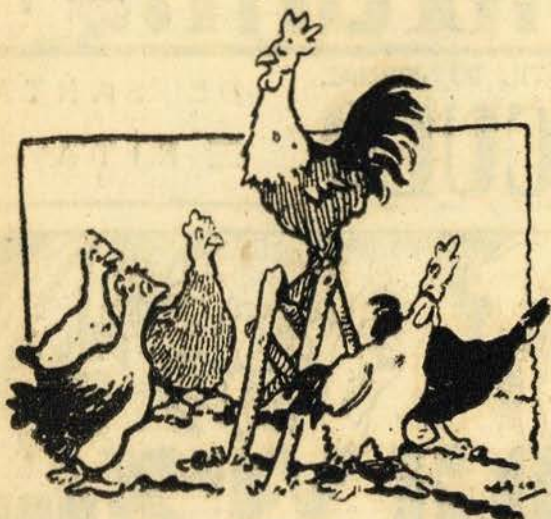


para o cimo da torre, eis que um dos galos o chama, gritando do seu poleiro:

— Pst! O' sr. prior!... Uma palavrinha!...

Menos espantado por ouvir falar um galo de capoeira do que por ouvir cantar um galo de cata-vento, voltou-se vivamente o sr. prior, cumprimentando na sua linguagem simples:

— Bons dias, srs. galos!



— Bons dias, sr. padre prior! Tenha a bondade de se chegar aqui á grade, porque queremos explicar-lhe o motivo de ouvir cantar, há dois dias, aquele nosso colega de ferro.

— Ora fazem-me os srs. galos um grande favor, porque ando intrigadíssimo com esta história!

E um dos galos, o mais velho, de grandes óculos com aros de ouro (porque já via pouco, coitado!), começou:

— Pois, sr. prior, aquele sr. galo, que é mesmo um regalo e que está espetado no tópo do cata-vento, á chuva e ao vento, era um colega nosso, que vivia connosco nesta capoeira!

Porém, o seu génio voluntarioso e ativo, fazia com que vivesse em constante desarmonia a nossa pacata e laboriosa família galucha!

Não calcula o sr. prior!!

Mordia as galinhas gordinhas, redondinhas, mansinhas; mordiscava os pintainhos, lindinhos, enoveladinhos, branquinhos, e debicava as cristas fadistas dos galos, galitos e galuchos que, por desgraça, topava provando e depenicando nas malgas de sêneas e couves!

Mas isto era o menos! Outra razão havia que ainda mais molestava o nosso amor-próprio de galos, galuchos e galitos!

Não consentia que, antes dêle, subíssemos ao poleiro mais alto para saúdar-mos, de manhã, o Sol!!

Ora o poleiro mais alto era a nossa ambição, a nossa ânsia, o nosso desejo!

E nada!...

Se, num vôo arriscado, tentávamos, de mansinho, pousar ao lado dêle, éramos arremessados, violentamente, a terra, cristas em sangue, penas arrancadas, asas derrubadas, — e o patife, no seu pósto, altivo, glorioso, vencedor:

— Có-có-ró-có!...

Esta situação — para quem tem um bocadinho de génio — não podia manter-se!

E, um dia (eu era um galito talvez dos meus seis meses), mal o vi trepar, imponente e majestoso, para o poleiro glorioso, após haver maltratado o desgraçado rancho de galos, galitos e galinhas (os pintainhos ainda estavam a fazer ó-ó, porque era muito cedo), pronunciei, em voz macabra, a seguinte maldição:

— Galo galucho! Maldito seja o teu bucho! Galo fadista! Maldita seja a tua crista! Que uma criada da casa te apanhe por uma asa, e que ela te corte a güela, com a faca macaca!

Galo galucho! Já que só queres estar a cantar no poleiro mais alto, eu te juro — e olha que eu nunca falto! — que, depois de morto, de crista caída e bico torto, serás transformado num galo de ferro e colocado no cimo daquele catavento, á chuva e ao vento — que é o poleiro mais alto que te podemos dar — e que, todas as noites e todas as manhãs, has-de cantar:

— Có-có-ró-có! Có-có-ró-có! Có-có-ró-có!...

(E o bando de galos, galitos e galinhas, repetia, funebremente:

— Có-có-ró-có! Có-có-ró-có! Có-có-ró-có!)

Seguiu-se um grande silêncio! Estava terminada a profecia!

Mas, do poleiro mais alto, friamente, cínicamente, ouviu-se uma risada escarvinha, do Galo-Galucho-Galão: — era êle que se ria desta minha maldição!

Porém, passados alguns instantes, tocando a matinas ao sino da igreja, ouviu-se, pela porta da cozinha, o falazar alegre das criadas!...

O coração deu-me uma pancada e senti-me empalidecer!

No poleiro mais alto, o galo-galucho dominava com a sua voz trocista: — Có-có-ró-có!...

E as galinhas, coitadinhas, tinham a barrigui-nha a dar horas, porque o galo mauzão não lhes deixara nem um bocadinho da ração!

Mas, súbitamente, espalhou-se em todos os rostos galuchos o mais horrível dos terrores!

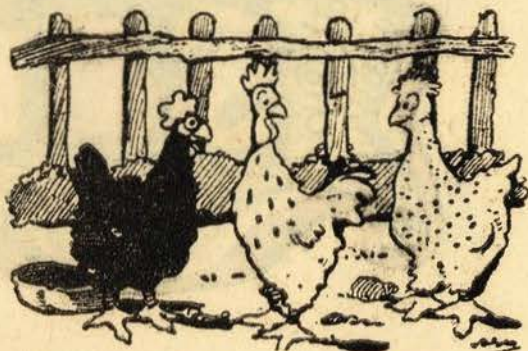


Despreocupadamente, cantarolando, uma das criadas acabara de abrir a cancelita de pau!!

Emudecemos! E, instintivamente, todos os olhares se pregaram no galo mauzão, a quem ela se dirigia com a faca macaca e as mangas arregaçadas! Mas o galo espertalhão, apenas a viu aproximar-se com a faca na mão, saltou velozmente para terra, pé aqui, pé ali, asas no ar, có-có-có, có-có-có, có-có-có, có-có-có!... Tombou o tacho da

água, partiu a malga das sêneas, atropelando, ferindó, derrubando, có-có-có, có-có-có, có-có-có, picando, maltratando, mordendo as pobres galinhas, os galos e os galitos, que fugiam em sua frente, assustados, desastrados, espantados... có-có-có, có-có-có, có-có-có!...

A criada, zangada e cansada daquele jôgo das escondidas que punha em revolução todo o território



rio galucho, já dizia mal da sua vida, de cabeça perdida — coitada! — quando, de repente, — zás! — o apanha por uma asa e o leva para casa e... (ai Jesus, que até o coração se me aperta, apesar do galo galão ser muito mauzão!) lhe cortou as gúelas, — zumba, zumba, zumba, — com a ponta tonta da faca macaca!

Parte da profecia estava realizada! Solenemente, os galos de categoria, pais de família, vieram cumprimentar-me, apertar-me a mão, muito gravemente, muito comovidamente, olhos no chão...

Mas, passado talvez um mês, o espanto cresceu e marcou lugar, definitivamente, a minha fama de profeta!

Um galo de ferro, novo, pintado, luzidio, foi substituir, no tópo do catavento, o galucho decrépito, que, há anos, no mesmo lugar, pendia já, tristemente, a asa derrubada...

— Não há dúvida! Não há dúvida! — gritou todo o pessoal maior e menor da capoeira. E' o galo galão! E' o galo galão! Foi a maldição! Foi a maldição!...

E, como eram horas do Sol nascer, no tópo do catavento, á chuva e ao vento, isolado, abandonado, o galo-galão cantou:

— Có-có-ró-có!...

Desde então, na nossa capoeira, reina a maior harmonia, nunca havendo uma discussão, um acto de discórdia, um mal entendido...

Deus dá o castigo aos maus e a recompensa aos bons!

Eis terminada a minha narração, sr. padre prior!

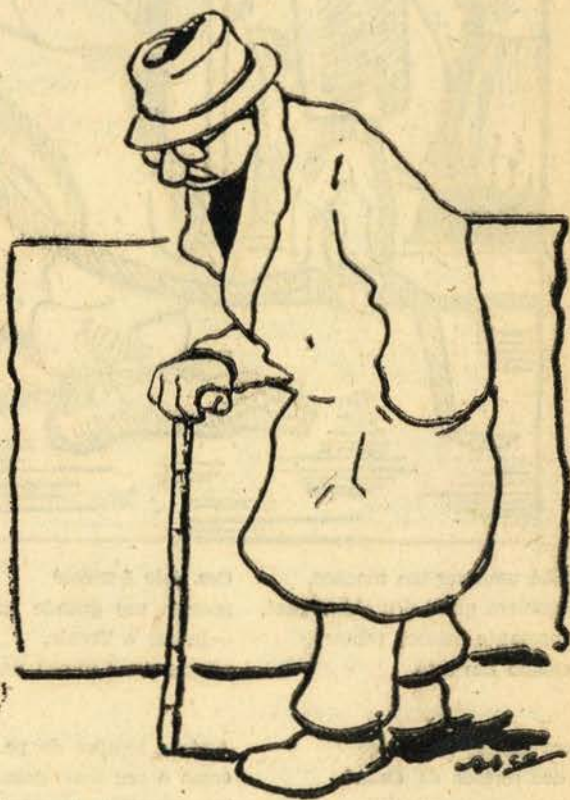
E o sr. padre prior agradeceu, comovidamente, ao galo galucho, profeta nada pateta, e seguiu o seu caminho, ruminando no castigo do desgraçado galinho!

*

* *

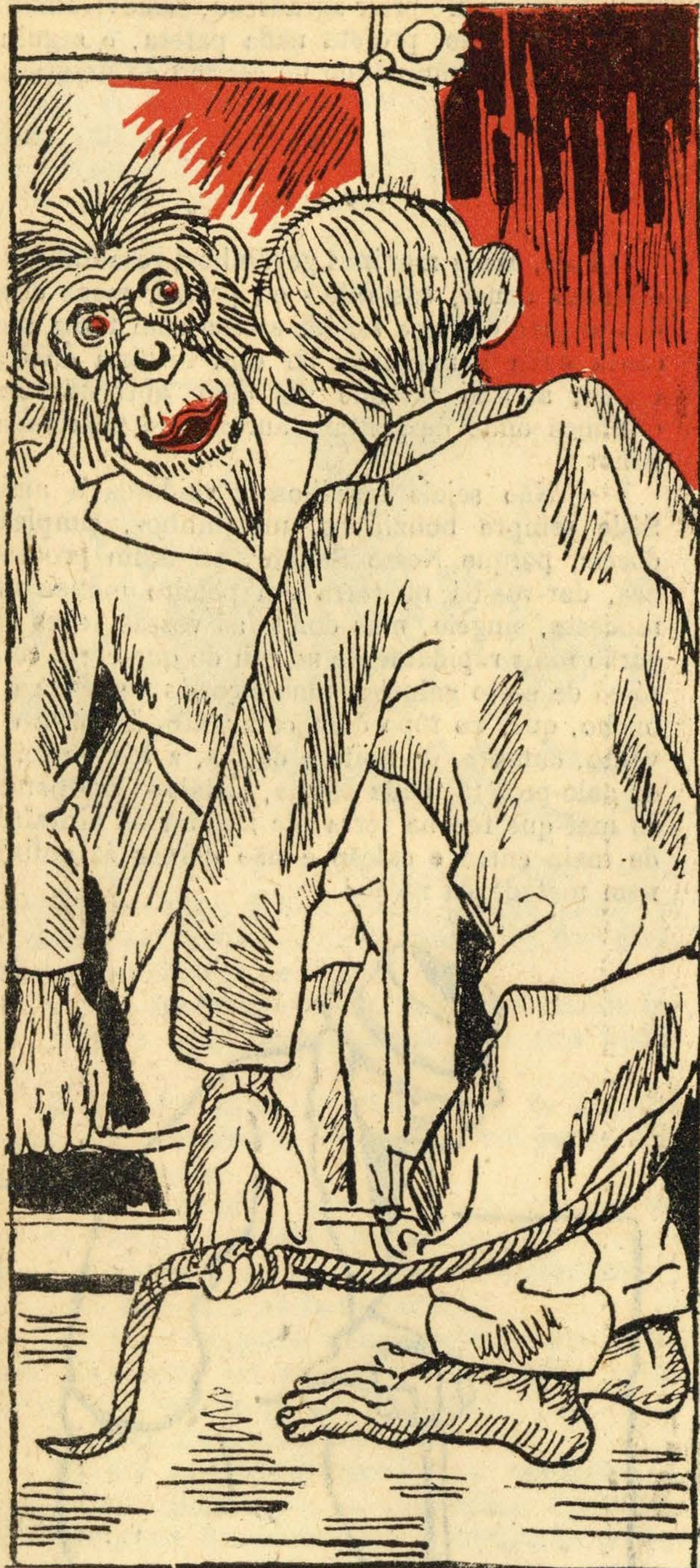
Pois, meus meninos gordinhos, rosadinhos, de olhinhos azues, castanhos ou pretos, meus queridos pequeninos que tendes estado com tanta atenção a ouvir a mãizinha ler esta história do Galo Galão, atentai no que vos digo, abri os vossos olhinhos onde despontam auroras de Claridade e Amor:

— Não sejais orgulhosos, vaidosos e maus! Sêde sempre bonzinhos, meiguinhos, simples e dóceis, porque Nosso Senhor, se assim procederdes, dar-vos-há na terra um poleiro maneirinho, modesto, singelo, mas donde as vossas vozes chegarão mais rápidamente ao céu do que certo có-có-ró-có de certo galucho, amaldiçoado de crista e de bucho, que, no tópo dum catavento, á chuva e ao vento, cumpre, de noite e de dia, a triste profecia do galo-profeta, nada pateta, já talvez arrependido do mal que fez na terra, de morder os pintainhos de meia curta e calção e não deixar ás galinhas nem metade da ração!...



■ ■ ■ ■ ■ FIM ■ ■ ■ ■ ■

DO LIVRO: «ARCA DE NOÉ»
RECENTEMENTE APARECIDO



MACACO SARICOTÉ!

POR
AUGUSTO
DE
SANTA RITA

E logo, com ar de atleta,
e toda a sem-cerimónia,
— (mas semelhando um pateta,
ou natural da Parvónia),

monta na dita e, bem lépido,
eis começa a pedalar
decidido, ágil, intrépido,
a-fim-de se exercitar.

Porém, meia hora ao cabo
de pedalar: — zumba, zumba...
emaranhou-se-lhe o rabo
nos raios da roda e... pumba,

deu tamanho entenderete,
que jurou p'ra nunca mais
montar numa «biciclete»,
como os humanos mortais.

Desde então, Saricote
começou a entristecer.
Sabeis, leitores, porquê?
E' fácil de perceber.

E' bem de ver; compreende-se
a grande mágoa do mono,
é que o seu caudal apêndice
o distanciava do dono,

não o deixando passar
por um ser da humana raça!
E pôs-se, então, a chorar
a sua grande desgraça.

Mas nisto, vai senão quando,
a meio do seu caminho,
dá com um homem serrando
um grande tronco de pinho.



ERA uma vez um macaco,
que era quasi um chimpanzé,
bastante astuto, velhaco,
chamado Saricoté.

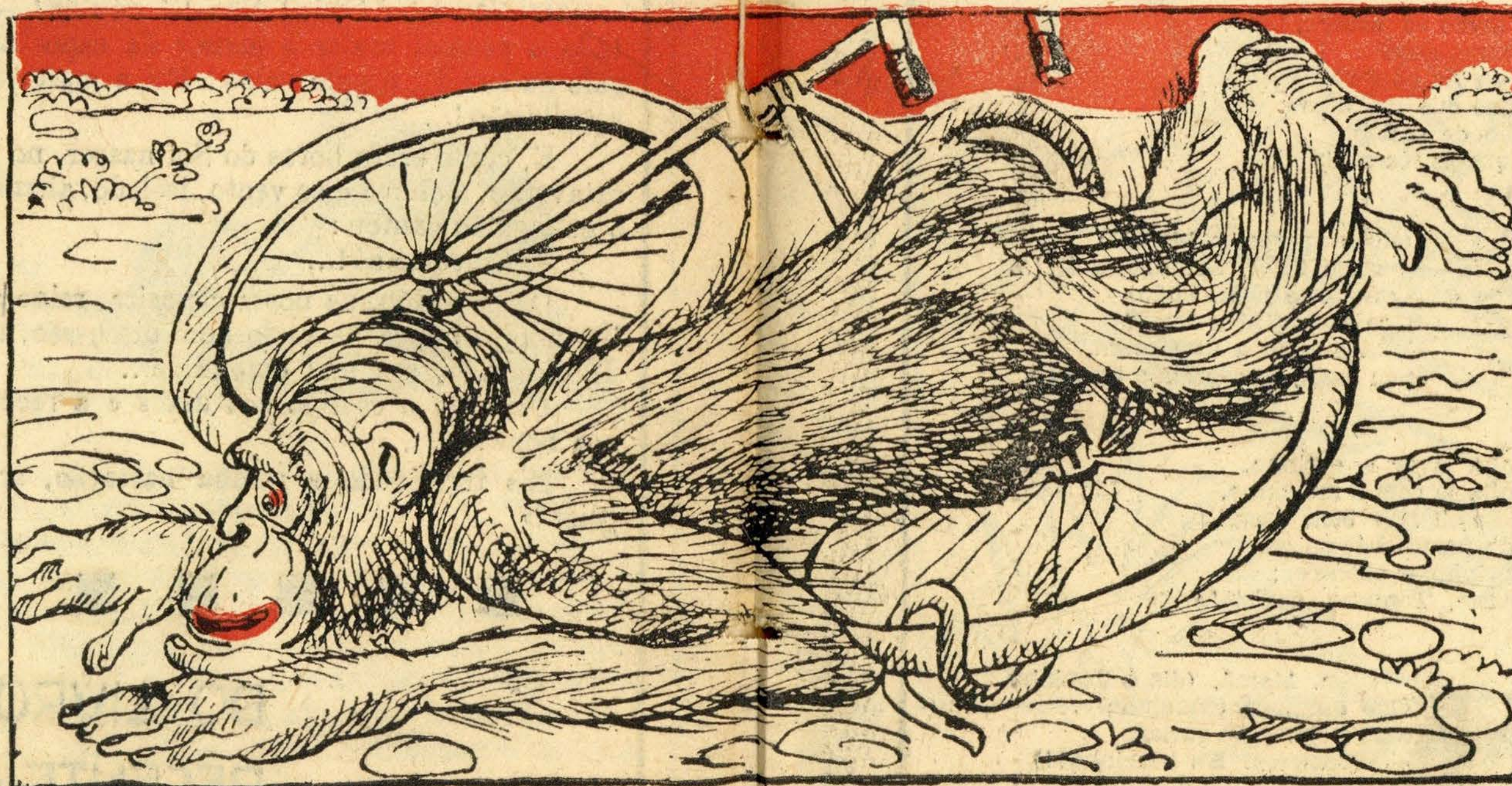
Viera dentro dum sacco,
lá dos sertões da Guiné,
trazido por um polaco,
chamado Pohl Vernié.

Usava calças, casaco,
colète, joias e até
bolsinha para tabaco,
e caixa para rapé.

Ora este Saricoté
possuia um grande fraco:
— imitar o Vernié,
não lembrar nunca um macaco.

Andava sempre de pé,
como o seu dono polaco;
mas, por fim, teve um filé
com que deu grande cavaco.

Meteu-se-lhe na tineta,
ou seja na cachimónia,
andar numa bicicleta,
qual cidadão da Polónia.



Olha-o... E, sem que descerre
a bocarra em grande lauda,
pede ao homer: que lhe serre
a sua comprida cauda.

Volve-lhe o outro: — pois não,
com muito prazer até;
mas com uma condição
amigo Saricoté,

deixar-se amarrar... Bem vê,
que é melindrosa a op'ração,
mas deixa de ser o que é,
passa a ter consideração.

Ouvindo tal tagaté
— (ao que leva a presunção!)
o nosso Saricoté,
macaco de imitação,

dispõe-se ao grande suplicio,
com bastante heroicidade,
dando a cauda em sacrificio
da sua estulta vaidade.

Mas já de regresso, ao cabo
daquela imensa tortura,
com um grande ar de nababo,
ouve a certa criatura:—

— «Olha, um macaco sem rabo!»

A BIRRA DO BEBÉ

Por MARIA JULIA GARCIA DE LEMOS

Desenhos de A. CASTANE



E' a hora do jantar,
E a criada vai buscar
Bebé que está no quintal.
Para o lavar e vestir;
Pois era impossível ir
Prá mesa num estado tal!

Chega lá, procura, grita...
Que coisa tão exqu岸ita!
Onde é que estará metido?!
Tanto chama que, por fim,
Lá do fundo do jardim,
Vem ele a rir, divertido...



— Menino Toninho, então?
Mas que grande ralação
Que é aturar o menino!
Meteu-se na capoeira?!
Vem sujo dessa maneira,
Que menino tão rabino!

— Ah! estás a raliar comigo?!
Pois sabes o que eu te digo?!
Já não me tiro daqui!
Não quero ir-me lavar,
Nem que me dê de jantar;
Não gosto nada de ti!!!

— (Mas ela não quer saber
Do que éle está a dizer!) —
— Menino, venha cá já.
Pois juro que, se não vem,
Levo os brinquedos que tem
E faço queixa ao Papá!

— «Ora! eu quero cá saber...
E olha, se fores dizer
Tudo o que eu fiz ao Papá,
Sou eu mesmo que lhe digo
Que te ponha de castigo,
Na sala, já que és tão má!»

(Nisto aparece a Mamã):
— «Que dizes, Toninho, anh?!...
Levante-se já do chão!
Que estava aí a fazer?
Está a sopa a arrefecer...
Seu mau, seu grande mauzão,

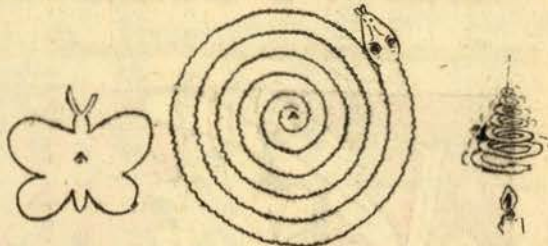
Venha lavar a carinha,
Venha já com a mǎzinha,
Senão eu fico bem triste!
E de futuro hás-de ser
Bonzinho e obedecer;
Ouviste, Toninho, ouviste?»

— «Sim, Mamã, (diz o Toninho
Que escutara caladinho)
Mas hoje, p'ra variar,
— (Prometes? E's bǎzinha?!)
Lavas-me tu, Mamázinha,
E dás-me tu o jantar!»



HORA DE RECREIO

O AR QUENTE



É fácil demonstrar que o ar quente é mais leve que o ar frio. A tiragem nas chaminés é devida a esse fenómeno; pela mesma razão, numa sala de espectáculos, as pessoas que estão nos lugares superiores sentem mais o calor e, enfim, é devido ainda a este fenómeno que se elevam no espaço balões de ar aquecido como é costume fazer pelo S. João.

Sem ter necessidade de construir um balão, vamos demonstrar o que acabamos de dizer, fazendo este pequeno aparelho o qual serve lindamente para o efeito.

Recortem, num cartão de visita, uma serpente em espiral tal como indica a gravura ou uma borboleta e suspendam-na, por um fio, pelos pontos marcados com a letra A.

Colocando-as sobre a chaminé de vidro de um candeeiro de petróleo ou mesmo sobre uma simples vela de maneira a não serem atingidas pela chama, veremos, a serpente girar sobre o seu eixo vertiginosamente e a borboleta oscilar com rapidez.

A ascensão do ar quente através da chaminé do candeeiro subindo para as camadas superiores da atmosfera, provoca esta espécie de corrente de ar de véras interessantes.

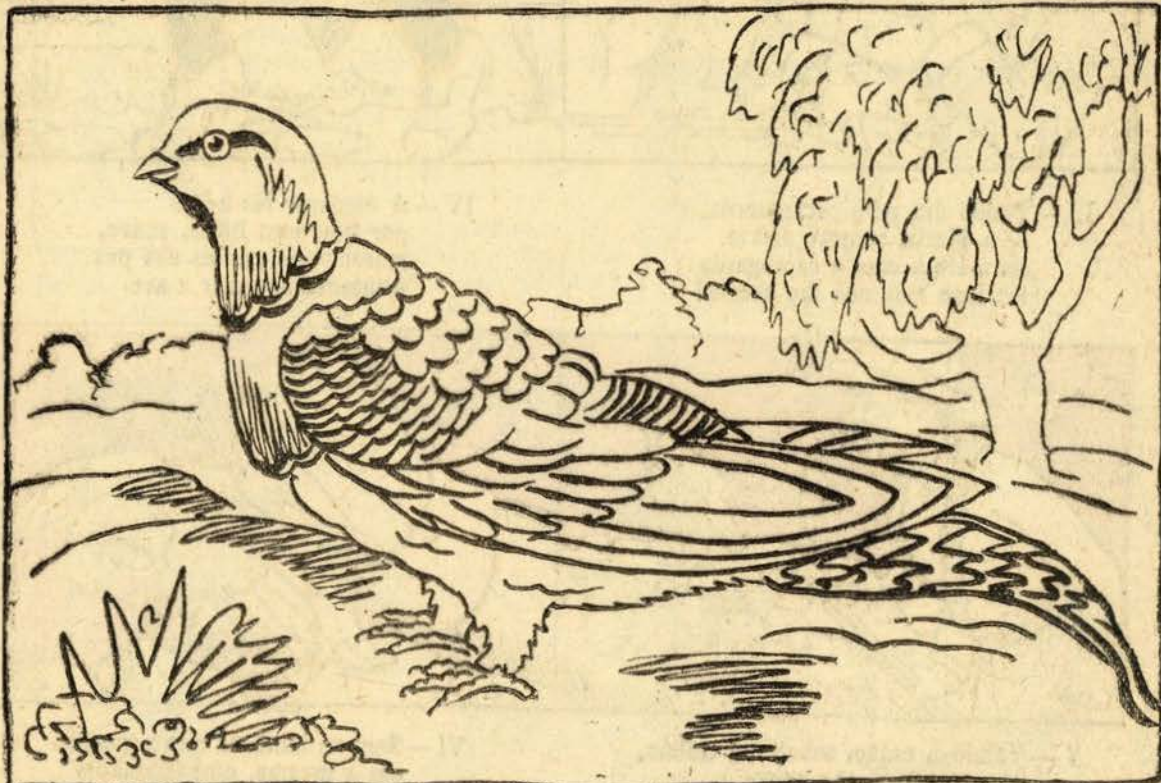


— (Momentos depois, lavado,
Já á mesa, ajuizado,
Toninho papa a sopinha).

Quem teve, apenas, o dom
De o tornar dócil e bom?!
— A sua querida mãezinha!

■ F I M ■

PARA OS MENINOS COLORIREM



A GANGA — (Pterocles Alchata)

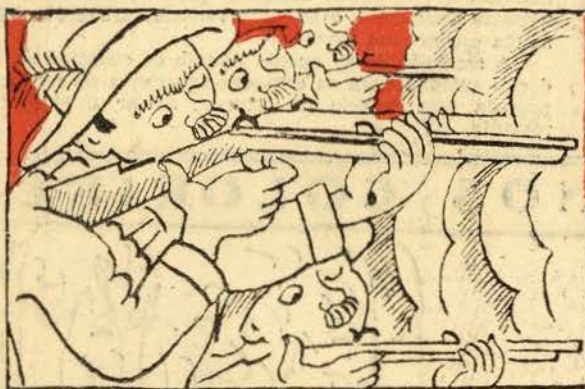
“ZÉ” MARIA CAÇADOR



I — «Zé» Maria Caçador, que, sempre, aos amigos diz ser um grande atirador, sai á caça de perdiz.



II — Vendo uma em cima dum muro, satisfeito, logo brada: — «desgraçada, eu te asseguro que vais cair fulminada!»



III — Pondo um pé à rectaguarda, «Zé» Maria, sempre alerta, eis mete à cara a espingarda... faz fogo mas não lhe acerta!



IV — A disparar lés-a-lés, por fim, sem balas, suave, marcha nas pontas dos pés e intenta apanhar a ave.



V — Vendo-a, então, sobre um calháu, de costas e já tão perto, estendendo um punho: — tau... deixa-a quasi sem conserto.



VI — Sem se lembrar que a perdiz era a mesma, embalsamada, que deixara em chamariz para uma boa caçada.